

## PROVÍNCIA DE SOFALA

### COMÍCIO DO BAIRRO DA MUNHAVA, CIDADE DA BEIRA – 18 DE MAIO DE 2007

(...)

A primeira pedra ali onde está a estrutura que vai permitir melhor saneamento do meio nesta nossa bela cidade da Beira. Sentimos esse carinho ainda, essa amizade, quando ouvimos as canções; quando vemos as nossas danças; quando vemos isso tudo não só nos adultos, não só nas mulheres, mas também nas nossas belas criancinhas. Este é o sinal de que nós moçambicanos, somos um povo especial; nós moçambicanos, somos um povo caridoso; nós moçambicanos, somos pessoas de bem!

A província de Sofala, e muito particularmente a cidade da Beira, este ano passou por momentos difíceis. Houve na província o ciclone Fávio que destruiu parte das coisas que foram preparadas com tanto carinho pela população, em vários distritos. Mas aqui na cidade da Beira, e aqui em particular na Munhava, tivemos o problema das inundações. Não só uma vez, tivemos o problema das inundações. Uma situação dramática porque as pessoas já não podem dormir nas suas camas ou nas suas esteiras; porque as pessoas já não podem cozinhar nas suas cozinhas; porque as pessoas não sabem água beber; porque as pessoas não podem dormir o sono profundo. E nós sentimos a nossa população da Beira sofrendo essa situação, mas sempre firme. Sempre firme, e mesmo assim solidária para com os outros que também sofriam quando isso acontecesse nos outros pontos do país. Queremos mais uma vez, porque fizemos isso na altura, transmitir o sentimento de solidariedade e dizer que a Beira não está sozinha. Não esteve sozinha. Todos os moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, do Zumbo ao Indico, acompanharam e fizeram aquilo que era possível fazer para manifestar a sua solidariedade, a sua amizade e transmitir sobretudo a grande mensagem que os moçambicanos sempre transmitem nessa altura de que não estamos fisicamente juntos, mas estamos juntos. Somos os mesmos, só que estamos dispersos em vários pontos deste belo Moçambique.

Eu tenho algumas mensagens para vos transmitir. Algumas preocupações minhas. Eu acredito também que são preocupações de muitos outros de vós aqui presentes. Mas antes de o fazer, duas informações: Uma, que vou apresentar-vos ou vão apresentar-se a vós aqueles que me acompanham. A outra, é que eu não vim somente transmitir mensagens. Eu vim também ouvir mensagens. É uma ocasião para também eu aprender das vossas experiências e sobretudo daquilo que pensam que é o caminho que nos deve conduzir a liquidação da pobreza deste nosso rico e belo Moçambique. **(Palmas)**

(seguem-se as apresentações)

Depois de apresentar as mensagens que eu tinha, que são as preocupações minhas queria dizer que desta vez venho a Sofala, e tive o prazer e amanhã terei outro prazer de fazer uma coisa que preocupa muitos moçambicanos, preocupa muita gente particularmente aqui da nossa província. Como sabem, sempre que chove, quando chove muito ficamos com o coração nas mãos. Aqui fica cheio de água, as pessoas vivem grandes dificuldades e a cidade, porque somos pobres, ainda não tem capacidade de tirar rapidamente as águas para que esta zona e outras não estejam inundadas. Desta vez, aqui na Munhava, estivemos a colocar a primeira pedra para reabilitar o sistema que vai permitir drenar, tirar as águas um pouco mais rapidamente, quando tiver terminado. Vai durar talvez uns três anos, mas já é um passo. É uma situação que nos preocupa a todos e que

para se resolver precisamos para tomar muitas medidas. E sabemos que se tomam muitas medidas, mas ainda não conseguimos tomar as medidas fundamentais que vão exigir recursos que nós não temos nem aqui na Beira, nem em Sofala e nem no país. Mas agora conseguimos uma parte desses recursos e isso vai permitir que quando o projecto terminar, quando for concluída a construção, a reabilitação, as águas andem mais depressa pelo menos.

A segunda coisa que faremos amanhã vai ser a inauguração do centro de captação ali em Mutua. Mutua fica ali não é? É naquela zona, não é?

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

A água que nós temos hoje, sem aquele centro, sem aquele ponto não chega para nós bebermos e para utilizarmos. E como sabem o Rio Púngue é um rio no qual nós não temos muitas obras para juntar a água e permitir que a água que nós bebemos aqui, que vem do Rio Púngue, chegue como nós gostaríamos que chegasse. Aquilo que vai ser inaugurado amanhã vai permitir que tenhamos aqui na Beira e por outros pontos por onde passa, água durante mais tempo. Água durante mais tempo. Este é o combate que nós todos estamos a fazer. O combate contra a pobreza. Não é possível acabar com a pobreza num dia. Não é possível acabar com pobreza num ano. Mas é possível acabar com a pobreza e não devemos deixar de fazer um pouco que nós podemos fazer agora, porque este pouco vai aliviar um pouco mais o nosso povo. Vai fazer o nosso povo sofrer menos. E aquilo que nós temos de mais importante na nossa vida, aquilo que nós temos de mais importante na nossa vida é o povo. É o povo moçambicano. O maravilhoso povo moçambicano que habita do Rovuma ao Maputo. Por isso o pouco que se pode fazer, deve se fazer para criar condições para termos mais e mais e neste momento resolvermos definitivamente alguns dos problemas graves que nós temos. A Beira, não vou entrar agora nessa explicação, tem esses problemas, tem o problema da costa, que não é problema da Beira só. Vamos para Maputo tem o mesmo problema. Vamos para outras cidades também têm o mesmo problema. E que portanto, para acabarmos com esses problemas, precisamos primeiro de acabar com a pobreza, ou melhor, enquanto acabamos com a pobreza é que vamos acabar com esses problemas graves.

Mas como eu ia dizendo, eu tenho uma mensagem. E a minha mensagem tem a ver com unidade e com pobreza. Nós moçambicanos que vivemos do Rovuma ao Maputo conseguimos até hoje aquilo que nós queremos porque usamos um instrumento importante que é a unidade. Antes de nós termos a unidade, quando estávamos divididos, sem nos comunicarmos entre nós, nós não conseguíamos alcançar aquilo que nós queríamos, até que compreendemos de que para conseguir aquilo que nós queremos precisamos da unidade. A unidade não é alguma coisa que se faz entre duas coisas iguais, porque as coisas iguais já estão unidas. A unidade é alguma coisa que faz-se entre pessoas ou entidades diferentes mas que estas todas entidades, estas todas pessoas tem um mesmo objectivo. Tal como num jogo de futebol, nós temos 11 jogadores. Aqueles jogadores são diferentes uns dos outros: uns rematam com pé esquerdo, outros com pé direito; uns correm muito, outros correm poucos; uns saltam mais do que os outros; outros dão mais cabeçada do que os outros. São diferentes; uns são altos e outros são baixos; mas quando se juntam ali naquele campo, todos eles querendo meter golo na baliza adversária, utilizam a sua diferença para complementar e dar mais força a equipa. Aquele que corre muito, vai correr muito. Aquele que remata e dar mais força a equipa. Aquele que corre muito, vai correr muito. Aquele que remata que remata mais forte vai rematar mas forte. Aquele que dribla mais, vai driblar mais

vezes. Tudo para fazer com que a bola entre na baliza do adversário. Pessoas diferentes mas com mesmo objectivo! (Palmas)

No nosso país é mesma coisa. Nós temos pessoas que vêm de vários pontos do país. De várias regiões. E lá onde se encontram eles realizam a sua missão. Realizam a sua tarefa, de fazer com que este Moçambique seja grande. E lá onde estão, eles utilizam os seus valores, a língua que tem, as tradições que tem, a história que conhecem. Tudo isso utilizado para fazer com que do Rovuma ao Maputo todos nós realizemos os mesmos objectivos. Mondlane disse que as diferenças entre nós não eram um problema. Até aquele momento as diferenças entre nós eram um problema, porque o colonialismo assim dizia. O colonialismo assim queria. Ficamos com problemas porque somos diferentes. E Mondlane disse “ não senhor, as diferenças entre nós são riqueza, são fonte de força. São riqueza. Juntemos as nossas tradições. Juntemos as nossas tradições. Juntemos a nossa História. Todos nós, querendo combater o colonialismo português havemos de conseguir realizar o nosso objectivo”. E de facto em treze anos, em treze anos conseguimos fazer aquilo que não conseguíamos fazer durante quinhentos anos da dominação estrangeira, porque estávamos unidos. Porque estávamos unidos! Pegamos em Uchi e dizíamos que isto é meu. Pegamos em Mapiko e dizíamos isto é meu. Pegamos em Ngalanga e dizemos isto é meu. Pegamos em Makwai e dizemos isto é meu. Vem daquela zona, mas é meu. Vem daquela zona, mas é meu. É nossa riqueza. É nosso. É moçambicano. É esta grandeza de Moçambique. Tem tudo isso. Tem todas estas danças. Tem todas estas tradições e todas elas usadas como um instrumento para liquidar o inimigo comum. O inimigo comum é a pobreza. Naquele tempo era o colonialismo. O inimigo comum é a pobreza. Então a nossa responsabilidade é usarmos as nossas diferenças para conduzir para o objectivo comum. E o nosso objectivo é exactamente acabar com a pobreza! (Palmas)

Há pessoas que não acreditam que a pobreza pode acabar. Há pessoas que não acreditam. Não acreditam mesmo! **(É verdade!)** Não acreditam porquê? Pode haver muitas explicações, mas uma das explicações é dizer: **“já ouviu falar que há um país africano rico?”** E realmente a gente começa a olhar para todo lado e diz: Hummm? Parece que não é verdade!

A outra é: **“os nossos avós quando nasceram eram pobres. Os nossos pais quando nasceram eram pobres. Nós quando nascemos somos pobres. Os nossos filhos também são pobres. Então a pobreza faz parte da natureza do moçambicano. Faz parte da natureza do africano”**. Alguns pensam isso. E alguns acreditam. Mas eu quero apelar-vos. Quero apelar-vos. Sob o ponto de vista histórico é verdade, aconteceu. Mas isso não quer dizer que tem que continuar a acontecer. Quinhentos anos nós éramos dominados pelo colonialismo. Nossos avós nasceram colonizados. Nossos pais nasceram colonizados. Nós nascemos colonizados. Felizmente os nossos filhos já menos colonizados. E apesar disso surgiu alguém, moçambicano. Surgiram moçambicanos, fortes moçambicanos, do Rovuma ao Maputo que disseram **“nós vamos acabar com o colonialismo, apesar de termos nascido no colonialismo. Apesar de termos crescido no colonialismo. Os nossos pais terem vindo dominados pelo colonialismo, nós vamos mudar a história. Vamos pegar a história com as nossas próprias mãos e conduzir a história para lá onde nós queremos ir”**. Porque naquele tempo, a história era conduzida pelo colono. Ele é que dizia acontece isto, acontece aquilo, acontece acolá. Nós não sabíamos para onde íamos. Andávamos assim, e dissemos **“não senhor, vamos pegar nessa história que é nossa e vamos ser nós próprios a conduzi-la”**. E de facto, em treze anos, treze anos – tempo curto na história – tudo virou e Moçambique passou para as mãos dos moçambicanos! **(Palmas)**

Este facto.. este facto dá-me a convicção de que se conseguimos tirar o colonialismo também podemos vencer nas outras campanhas, nas outras batalhas. Se conseguimos afastar o colonialismo do nosso caminho para sermos nós a tomar e a dirigir, a decidir aquilo que nós queremos, então é possível que nós agora possamos alcançar aquilo que nós queremos. E o que nós queremos é acabar com a pobreza. O que queremos é acabar com a pobreza. Mas para acabar com a pobreza temos que usar todos os caminhos possíveis.

A pobreza está na falta de escola. A pobreza está na falta da saúde. Dos hospitais. A pobreza está na falta de energia. A pobreza está na falta de telefone. A pobreza está na falta de água limpa. A pobreza está em muitas coisas. E nós vimos, desde a nossa Independência para cá que começaram a aparecer mais escolas. Começaram a aparecer mais hospitais. Começaram a aparecer mais água. Os moçambicanos passaram a conhecer-se mais. Começaram a respeitar-se mais. Começaram a compreender-se melhor, e a reforçar a nossa unidade. Tudo isso feito por moçambicanos, quando pegaram a história nas suas mãos e disseram **“nós vamos conduzir a história para lá onde nós queremos que vá!”** E lá onde nós queremos que vá é no lugar onde a pobreza já não exista.

Os filhos dos moçambicanos já não nascem pobres, mas temos que criar mais condições. Há mais escola. Há mais hospital. Mas mesmo recentemente, podemos ver mudanças. Eu fiquei muito impressionado há pouco tempo quando vinha aí da estrada e desviamos aqui para Munhava. Sempre que passávamos para lá era tudo lama, não é? quando chovesse. Ou então, agora que é tempo seco era poeira, poeira, poeira, poeira e agora nada!! Já está lá a estrada. Alguma coisa mudou! **(Palmas)**

Isso mostra a capacidade que os moçambicanos têm de mudar as coisas, de melhorar as coisas. Naturalmente que vão dizer mas a estrada podia ir até outro lugar. É verdade, mas já há estrada aqui. Agora vai se pensar nos outros lugares. Naqueles tempos quando nós proclamamos a nossa Independência, neste país havia apenas uma universidade em Lourenço Marques, mais tarde em Maputo. E nessa universidade estudavam 2000 alunos, dos quais apenas 40 eram moçambicanos. Apenas 40 eram moçambicanos que estavam para fazer cursos superiores!

Hoje nós temos quantas universidades? E aonde é que nós temos universidades? Em todo lado!!!! É claro que há lugares que reclamam, dizem que ainda falta. É verdade! Falta, mas já há muitas universidades. Em todas as capitais de província encontramos ensino superior. Em alguns lugares como na Beira e Nampula, encontramos mais do que uma universidade que está lá a formar quadros para acabar com a fome, para acabar com a pobreza. Para resolver os problemas deste nosso maravilhoso povo. Isto é para dizer que nós estamos a caminhar para acabar com a pobreza. E já demos muitos sinais mas sabemos que esses sinais não são suficientes. Temos que continuar a dar esses sinais. Sabemos que esses sinais encontram obstáculos, troncos, que procuram proteger a pobreza. Não querem que a gente chegue lá na pobreza para empurrar a pobreza para que ela vá e mergulhe no oceano. Existem obstáculos. Quais são os obstáculos? São muitos. Um deles, corrupção. O outro, burocratismo. Não estou a falar de burocracia. O papel é necessário! Mas, burocratismo: utilizar o papel para oprimir o cidadão. Utilizar o papel para oprimir o cidadão! Não ser para facilitar a vida do cidadão! **(Palmas)**

Sabem as vezes nós encontramos situações dolorosas. Um cidadão tem a sua dificuldade. Tem a sua dificuldade e vai para uma repartição pública. Chega na repartição pública, dizem-lhe para fazer o requerimento tal, mais isto, mais aquilo. Ele vai para casa, faz o tal requerimento. Depois de apresentar o tal requerimento, a pessoa que está ali a

espera diz **“não está bem feito, vai lá corrigir!”**. Ele vai corrigir como? Ele fez o que sabia! **(Palmas)**

Ele fez o que sabia fazer. Preencheu. Preencheu mal, é verdade, mas fez o que sabia fazer. O trabalho do funcionário é dizer **“senhor ou senhora, está mal preenchido isso aqui. Aqui preenche-se assim, assim, assim, assim, assim, assim”**. É por isso que ele é pago. É por isso que ele é pago para ajudar o cidadão a resolver o problema, porque ele não está ali para dificultar a vida do cidadão, é para facilitar a vida do cidadão!

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Isso é burocratismo!

Existe um outro obstáculo: o deixa-andar! O deixa-andar. Indiferente a tudo. Vê uma pessoa a sofrer, não liga. Tem fome, não tem fome, não liga. Está a chorar, não está a chorar, não liga. **“Vem amanhã!”** Mas eu vivo muito longe! **“Vem amanhã, já fechei, já são horas! Prontos, acabou!”**.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

São obstáculos. São obstáculos que protegem a pobreza. Que não querem que a gente chegue a pobreza para a gente empurrar a pobreza com todas as nossas mãos. Os milhões de braços a empurrar a pobreza. São obstáculos que nós temos que ir lutando com eles para afastar, para os transformar.

Há outro obstáculo, criminalidade. Criminalidade. Pessoas que vivem assustando os seus concidadãos. Que vivem roubando o trabalho dos outros. No dia que a pessoa recebe o seu vencimento, estão lá a espera na esquina. Quando a pessoa está a beber o seu copinho no bar, vê se saem muitas notas do bolso ou não. Se sai muitas notas do bolso, não há-de chegar em casa. Mas ele trabalhou! Aquelas notas que ele tem são para os filhos. É para poder sustentar a sua família. Mas roubam, são ladrões. Outros não estão satisfeitos em roubar. Roubam e matam. Tiram a vida. Arrancar a vida de uma pessoa. Esses são obstáculos ao desenvolvimento. São troncos que são colocados a nossa frente para impedir que nós cheguemos lá onde está a pobreza directamente e empurremos a pobreza para o fundo do mar!

Há outras, outros obstáculos também que nós temos como as doenças: a malária, a cólera, a tuberculose, o HIV/SIDA. Tiram a vida de pessoas, pessoas que podiam estar ainda a produzir. Tiram a vida de pessoas trabalhadoras. Tiram a vida aos nossos jovens. Tiram a vida as pessoas, mesmo que essas pessoas estejam a trabalhar, a trabalhar para resolver os problemas deles próprios e do país. Nós temos que conhecer os obstáculos e trabalhar para nos defendermos contra eles e também ao mesmo tempo para afasta-los e caminharmos para irmos empurrar e acabarmos com a pobreza. Este é o nosso objectivo. Eu acredito que a pobreza vai acabar. Já vimos sinais. Mesmo aqui na Munhava, vimos sinal. O outro sinal é aquele das primeiras pedras. São sinais de que amanhã as coisas serão diferentes. Mas para nós podermos chegar lá temos que ser persistentes, firmes e sobretudo estarmos convencidos que efectivamente vamos acabar com a pobreza. A convicção é fundamental. Se nós não acreditamos não podemos de chegar lá. Se nós não acreditamos não podemos de chegar lá. Não vamos ter forças suficientes para lutar.

E nós precisamos de ter muitas forças para lutar, para vencer as nossas fraquezas, para chegarmos lá onde a pobreza já não existe. Lá onde existe hospitais suficientes. Lá onde existe escolas suficientes. Lá onde existe estradas suficientes. Lá onde existem chapas suficientes. Lá onde existem telefones suficientes. Lá onde existe energia, electricidade suficiente. Lá onde existem escolas suficientes. Lá onde a riqueza deste belo Moçambique é explorada é usada por nacionais ou estrangeiros mas em benefício dos Moçambicanos. Os Moçambicanos não saem a perder. Os moçambicanos saem com a barriga cheia, trabalhando, realizando o seu trabalho e enriquecendo!

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Eu.... esta era a minha preocupação com a unidade. As vezes as pessoas dizem mas porque é que falam sempre da unidade? É que a unidade tem que se falar sempre dela. Se não se fala dela, a nossa convicção pode enfraquecer e se enfraquece facilmente seremos destruídos. E o combate contra a pobreza, de que nós podemos vencer a pobreza, nós vamos vencer a pobreza porque vamos chegar lá, todos nós juntos do Rovuma ao Maputo, incluindo em Sofala, incluindo na Beira, porque este é o objectivo comum de todos moçambicanos, do Rovuma ao Maputo.

Eu vou dar a palavra a dez cidadãos. Dez cidadãos. Eu espero que eles ao falarem não vão repetir-se. Porque se não se repetirem, e se cada um falar de um assunto só, sairemos daqui com dez assuntos aprendidos. Por isso mesmo, seria bom que não se repitam e que vão directamente ao assunto. Obrigado.

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Eu queria agradecer as contribuições que nós tivemos oportunidade de ouvir aqui desses dez cidadãos. Quero agradecer porque elas contribuem para uma melhor contribuição nossa e deles também dos problemas que os moçambicanos, nós moçambicanos enfrentamos. Naturalmente nós registamos tudo aquilo que foi dito. Os meus conselheiros estão a trabalhar, contactando com as pessoas que falaram para esclarecer aqueles aspectos que não estejam claros para depois analisar com maior, maior número de dados. Entretanto eu vou mencionar alguns aspectos que aqui foram indicados:

Aqui falou-se do salário mínimo que é irrisório, que é pouco e se disse que com este salário a corrupção não vai acabar. É verdade que o nosso salário não é aquele que nós queremos. O nosso salário é aquele que nós podemos dar. E é por isso mesmo que nós dissemos que estamos a combater contra a pobreza. E a combater contra a pobreza significa entre outras coisas aumentar a produção agrícola. Aumentar a produção de outras coisas para permitir que com o dinheiro que nós temos ou com o dinheiro que nós venhamos a ter nós possamos resolver os nossos problemas básicos. É verdade que o salário não é aquele que nós desejamos. Daí para dizer que o salário mínimo é que justifica completamente a corrupção, não sei se é completamente mais correcto. Certamente que haverá pessoas corruptas que tem muito dinheiro. que tem muito dinheiro. E tem carros e casas e mesmo assim roubam. Não tem o salário mínimo, tem um salário talvez muito alto. Por isso mesmo a corrupção não pode ser justificada pelo salário mínimo. A corrupção deve ser combatida para permitir que os papéis, por

exemplo, andando mais depressa possa dar mais emprego aos moçambicanos. Quando os papéis demoram a andar quer dizer que também o investimento também demora a chegar. Nós queremos atrair o investimento. E para o investimento ser feito aqui na Beira ou noutra local qualquer nós precisamos os papeis andarem mais depressa. Mais depressa. E se houver mais investimento, haverá mais gente a pagar imposto. E se houver mais imposto o Estado terá mais recursos para colocar ao serviço do seu povo. Hoje em dia que nós estamos a falar. Hoje em dia que nós estamos a falar, os impostos que nós pagamos, nós cidadãos moçambicanos, só cobrem metade daquilo que gastamos. Isso quer dizer que se nós não recebêssemos a ajuda que vem de fora, os professores dividíamos por dois. Só podíamos ter metade dos professores que nós temos. Na saúde só podíamos ter metade do pessoal que nós temos. Hospitais só podíamos ter metade dos hospitais que nós temos, etc. E portanto nós temos que compreender, nós moçambicanos, compreender de que temos que ter a nossa própria capacidade de sobrevivência, e não só. E isso passa pela luta contra a pobreza sobretudo por também combatermos essa ideia de pedir, pedir. Sempre que queremos de alguma coisa, estendemos a mão. Sempre que queremos de alguma coisa, estendemos a mão. Naturalmente que precisamos, mas temos tanta terra, temos tanta gente trabalhadora, tanta gente que gosta de paz e não conseguimos transformar aquilo que está a nossa volta em riqueza.

E nós, companheiros, cidadãos moçambicanos, minhas irmãs, meus irmãos. Temos que compreender que temos que criar a riqueza. Temos que aumentar a riqueza e o para isso o trabalho é que vai nos resolver esse problema. Concordo, o vencimento é pouco. Mas a única maneira de resolver isso é aumentando a produção e são os caminhos que nós estamos a percorrer.

Aqui falou-se da questão de que a Munhava é populosa mas não tem escola depois das 7, depois da 7ª classe, portanto não tem escola secundária;

Falou-se de que aqui não temos TPB, transporte público urbano;

Falou-se de nós temos no país de 70 a 80% da população que vive da machamba, mas temos poucas escolas agrárias e temos poucas faculdades agrárias. Tem razão, temos poucas escolas agrárias. Tem razão, e temos poucas faculdades agrárias, também tem razão. É verdade isso. Agora, nós é por isso mesmo que nós definimos no nosso programa que queremos aumentar as escolas técnicas. No nosso programa hão-de verificar que estão se a aumentar as escolas técnicas. Exactamente para responder a esta preocupação deste cidadão, que colocou e correctamente. Não estamos a formar ainda hoje ainda hoje as pessoas para resolver os problemas de pobreza que nós temos. Nós precisamos de ter mais engenheiros agrónomos, mais engenheiros civis, mais engenheiros mecânicos, mais engenheiros electrotécnicos, mais médicos, mais professores. É isto que estamos a fazer. Por isso temos universidades e estamos a aumentar. Mas mesmo assim sabemos que precisamos de mais universidades, de mais faculdades e o cidadão diz correctamente precisamos também de faculdades na área da agronomia e precisamos de formação técnica de nível médio e básico também na área da agronomia. Tem razão. É nossa preocupação comum. Portanto, esperamos que lute connosco para conseguirmos chegarmos até lá onde quer chegar.

Falou-se aqui do problema do desemprego e criminalidade. A criminalidade já comentamos sobre ela. O desemprego, é verdade não se pode resolver de pobreza sem as pessoas terem emprego. E a maneira de as pessoas de arranjar emprego para as pessoas é atraindo mais investimento. Por exemplo, nós estamos aqui na Beira.

De facto, na Beira não podia haver mais investimentos? Na Beira pode haver mais investimentos. Pode haver mais investimentos sim senhor. As pessoas podem querer vir fazer fábricas e outras coisas. O que importa é nós todos utilizemos a mesma língua, a mesma linguagem para fazer com que os investidores se sintam estimulados a virem investir também na Beira. O nosso país todo também não tem investimentos suficientes, por isso mesmo estamos a batalhar para atrair investimentos para que o nosso país seja mais atractivo para aqueles que tem dinheiro, tanto nacionais como estrangeiros.

Aqui falou-se da situação dos músicos que querem material e das dificuldades que as nossas crianças órfãs também tem;

Falou-se da ajuda, esteve aqui um cidadão que diz que quer trabalhar, mas não consegue nada e queria ajuda, queria apelo. Estava a fazer um apelo.

Falou-se da situação do Hospital Central que está a melhor e que tem muita coisa boa, mas que o problema grave está nas camas que ainda não são suficientes. Vieram falar aqui também que as coisas melhoraram.

E vieram falar do Goto, de que no Goto as coisas existem muitas dificuldades. São os problemas de pobreza, pelos quais nós estamos a combater e devemos continuar a combater. E quando ouvimos isso dizemos que é correcto aquilo que estamos a fazer. De facto devemos e estamos correctos quando dizemos que estamos a combater a pobreza. Devemos continuar a combater a pobreza.

Falou-se aqui também de emprego, a empregada doméstica, que é o problema geral de emprego que nos preocupa muito. E também falou-se dos anúncios do jornal, que dizem que um técnico se quiser trabalhar precisa de cinco anos para poder trabalhar. E também falou de crédito para alunos de alunos que saiam da escola e que não conseguem trabalhar e podiam fazer o trabalho por conta própria, o auto-emprego.

Eu comentar a primeira parte. Eu aconselho a ler em mais cuidadosamente os anúncios. A lerem mais cuidadosamente os anúncios. Se não estou em erro aqueles anúncios que eu tive oportunidade de ler, muitos deles falam de cinco anos. É verdade. Alguns até falam de dez anos. É verdade. Mas falam de cargos de chefia. Para gerente. Para chefe da contabilidade. Para chefe disto, para chefe daquilo, querem uma pessoa que tem experiência de 5 anos pelo menos. De contrário, de contrário as pessoas que estão a sair da universidade não haviam de estar a trabalhar. Não tem cinco anos. Muitos deles saem da universidade este ano e já estão a trabalhar. Alguns têm dificuldades mas uma parte já está a trabalhar. As pessoas que fazem o curso de professores, saem do curso do IMAP, logo estão a trabalhar. Alguns, é verdade que não conseguem fazer isso. Portanto, não se esperam os cinco anos. Não se esperam os cinco anos. Os cinco anos é para cargos de direcção. E de facto, quem de vós havia de aceitar colocar na direcção de alguma coisa uma pessoa que nunca passou pelo trabalho? Haviam de fazer isso?  
**(Não!)**

Dizer fulano de tal toma conta desta fábrica. Dirija a fábrica. Mas nunca trabalhou na fábrica. Saiu da escola directamente para dirigir a fábrica. Ele não tem experiência. Tem que ter uma experiência determinada. Mas para ter experiência tem que aceitar trabalhar nas condições básicas. E se não estou em erro, pelo menos dos anúncios que eu li, cinco anos é dizem é para direcção é não para o início, a parte inicial. Mas, como eu disse estou satisfeito pelo facto de terem dado a vossa contribuição. Chamou atenção sobre muitas coisas. Eu também depois deste companheiro ter falado dos cinco anos, eu também vou passar a ler mais atentamente os anúncios, para ver se de

facto a situação é toda essa ou não, porque se for essa é desastroso. As pessoas que acabam de fazer os seus cursos devem entrar. Devem ter possibilidade de trabalhar sem ter necessidade de passar cinco anos. Porque passariam cinco anos a fazer o quê? Esqueciam-se daquilo que estudavam antes de poder entrar para o trabalho!

*Moçambique hoje! (Hoye!)*

*Cidade da Beira hoje! (Hoye!)*

*Cidade da Beira hoje! (Hoye!)*

Portanto, ouvimos as vossas mensagens. A nossa mensagem, além de saudar o vosso esforço, a vossa coragem, a vossa dedicação, o vosso amor, além disso era dizer que a unidade é chave para vencermos aquilo que é nosso inimigo. E o nosso inimigo está claro é a pobreza. Nós todos moçambicanos precisamos de nos unir para lutar contra a pobreza. E vamos lutar e vamos vencer. E em segundo lugar, que a pobreza está dando sinais de fragilidade e que nós temos que aproveitar e a partir daí inspirar-nos para efectivamente continuarmos a luta contra a pobreza. A pobreza não vai acabar num dia. Não vai acabar em dois anos. Não vai acabar em 3 anos, mas a pobreza deve ir acabando pouco a pouco a medida que o tempo passa e sobretudo a medida que nós trabalhamos para que ela acabe!

*Beira hoje!*

*(Hoye!)*

*Muito obrigado!*

*(Palmas)*

## **COMÍCIO DA VILA DE BÚZI, DISTRITO DO BÚZI – 20 DE MAIO DE 2007**

*Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoje!*

*(Hoye!)*

*Província de Sofala hoje!*

*(Hoye!)*

*Província de Sofala hoje!*

*(Hoye!)*

*Distrito do Búzi hoje!*

*(Hoye!)*

*Distrito do Búzi hoje!*

*(Hoye!)*

*Distrito do Búzi hoje!*

*(Hoye!)*

Muito bom dia população do distrito do Búzi! **(Bom dia!)**

Como é que estão? **(Estamos bem!)**

Assim-assim? Ou assim-assim? **(Palmas)**

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Búzi hoye!*

*(Hoye!)*

Eu também queria agradecer a população do Búzi. A população de Búzi recebeu-nos com muito calor. Com muito carinho e com muito amor. Nós vimos isso já no aeroporto. E nós vimos nas canções, nas danças que realmente Búzi está satisfeita. Nós também estamos satisfeitos. Mesmo aqui onde nós estamos, tivemos ocasião de ver várias danças. Naturalmente Makwai, que é dança típica moçambicana desta região e daqui é que se espalhou para o resto do país e hoje Makwai é dançada em toda a parte. Vimos Mapiko, que é uma dança originária de Cabo Delgado e que também hoje é conhecida em todo o país. Vimos também, como é que se chama aquela? **(Mandoa!)**

Mandoa! Que também é uma dança típica nossa, muito rica e muito bela. Por isso, como eu disse, eu também estou satisfeito por ver que estão satisfeitos.

Queria também agradecer as ofertas que nos foram feitas. São ofertas que mostra que trabalham e aquilo que produzem uma parte dispensaram a nós. Para nós estas ofertas mostram não só o amor, a amizade, mas também mostram a generosidade. Mostram a solidariedade. Sabem muito bem que em Moçambique ainda há muita gente que sofre. Ainda há muita gente que sofre. Apesar de sermos trabalhadores, apesar de termos uma terra muito rica, mas há gente que está a sofrer. As vezes podemos chegar num lar de estudantes e encontrar que os estudantes não têm comida suficiente. Mas para poder estudar, eles precisam de alimentar o organismo, porque é a maneira de preparar-se para no futuro poderem contribuir para a resolução dos problemas deste país. Nós, por causa disso, vamos tirar uma parte dessa ajuda, uma parte dessa oferta para apoiar os nossos filhos que estão a estudar: Uma parte do milho; uma carne aí de cabrito, para os nossos filhos poderem estudar bem. Sabemos que não vai resolver todo o problema, mas também eles já estão a aprender a fazer coisas bonitas. Eles também já estão a cultivar e isto vai fazer com que eles produzam o seu milho e também produzam os seus cabritos. Aliás, estive agora no lar, ali onde estão a construir o lar da escola secundária e fiquei maravilhado por ver que há muitas plantas, muitas plantas de fruta que me disseram que são colocadas pelos alunos. É isso mesmo que nós queremos: os nossos alunos devem aprender e amar o trabalho desde jovens. Se eles não tiverem medo de trabalhar, trabalho físico, desde criança, então quando crescerem vão ter grandes machambas. Vão arranjar emprego facilmente e isso vai permitir o nosso país crescer mais rapidamente.

Mas estava eu dizendo que uma parte daquilo que nos ofereceram, sobretudo aquela parte que tem a ver com comida, vamos dar aos lares, vamos dar aos órfãos, as crianças órfãs. Muitas vezes quando falamos de crianças órfãs, falamos somente de crianças órfãs de SIDA. Crianças que perderam os seus pais por causa da SIDA. Mas não devemos fazer isso só. Uma criança órfã é uma criança órfã: não tem pai, não tem mãe. Não importa qual a razão porque é que a criança perdeu os seus pais. Qualquer

criança moçambicana órfã merece igual atenção. Uma parte também vamos dar aos orfanatos.

Uma parte vamos dar também aos doentes de SIDA. Como sabem SIDA é uma doença que enfraquece e hoje apesar de já termos medicamentos aqui nos distritos, naquele tempo a pessoa estivesse doente tinha que ir até Beira para encontrar medicamento, mas hoje podemos medicamento aqui no distrito. Apesar de medicamento estar perto, as vezes os doentes têm dificuldades de melhorar a sua situação, porque o seu organismo está fraco e eles também não comem bem. Vamos pegar na vossa oferta, particularmente naquilo que tem a ver com comida e oferecer também para que eles possam alimentar-se e ficarem forte mais rapidamente e trabalharem, porque ter SIDA não significa não poder trabalhar.

Por isso, muito obrigado pela vossa oferta, uma parte dela vamos usar como solidariedade de Búzi para aqueles que necessitam. Hoje, quando cheguei tive a oportunidade fazer algumas visitas. A primeira visita foi no outro lado do rio, na margem direita, para a Companhia Búzi. Como sabem há muito tempo que a Companhia do Búzi não trabalha. Muita gente já perdeu emprego. Praticamente ... e agora finalmente parece que a Companhia Búzi está a voltar. E hoje fomos ver alguma coisa que está sendo pela Companhia. E já começaram a produzir álcool. Portanto, algumas pessoas já estão a trabalhar. Estão a produzir álcool. O álcool é muito necessário nos hospitais. Mas também temos que compreender ainda não se está... o Búzi não está a funcionar como nós gostaríamos. Como nós gostaríamos. Mas esperamos que um dia vai acontecer: ter campos de cana. Agora tem um campo muito pequeno. E além disso o lugar onde a cana se transforma em açúcar. Agora ainda não temos essa fábrica, mas esperamos que isso vai acontecer.

Depois vimos para cá e fomos ver aquele centro ali onde se dá apoio as pessoas portadoras de deficiências. E está a equipar-se. As pessoas podem aprender muita coisa. Nesse lugar vimos uma exposição. Esta exposição mostra que os moçambicanos podem fazer o que quiserem. A partir da papaia fizeram doce: Marmelada. Portanto, já se pode ter papaia conservada e comermos papaia com pão ou então com mandioca. Mandioca cozida naturalmente. São moçambicanos que estão a fazer isso. E conseguiram lugar onde colocar: embalagens. E depois vimos também um moçambicano que foi capaz de fazer moageira. Moageira! A única coisa que ele não faz é motor. Ele pega o motor e coloca na moageira e a moageira pode moer milho. Isso feito por um moçambicano! E depois vimos também no lugar a fazer beliche. Aquelas duas camas que se usa nos lares das escolas e nos quartéis também. Feito por moçambicanos, por mãos moçambicanos. E depois vimos também cadeira de roda com motor. A única coisa que não faz é motor. Até coisa para proteger do sol lá em cima. Tudo isso feito por moçambicanos. E depois vimos também uma espécie de bicicleta ambulância, que tem uma coisa lá atrás. Quer dizer que uma senhora quando quer ter criança, para levar para o hospital, pode sentar-se aí confortavelmente. Feito por moçambicanos.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Moçambicanos hoye!*

*(Hoye!)*

Ainda falta fazer mais coisas. Ainda falta melhorar essas coisas que foram feitas. Mas é importante quando moçambicanos tomam iniciativas para resolver problemas concretos para resolver que enfrentam no dia-a-dia. E depois fomos ver a construção do lar da escola secundária. Aí onde existem muitas plantas pequeninas ainda. Foram plantadas pelas crianças nossas. E depois fomos ver a água. Água. Aqui no Búzi, na vila do Búzi, sempre lamentamos água. Agora já há lugar que produz água aí. Furaram um poço, conseguem chupar a água e agora vamos ter água. Isso é muito bom. Mas estas são as formas de combater a pobreza e que é feita pelos próprios moçambicanos, porque a pobreza está connosco. Nós é que temos que sacudir para fora. Nós é que temos que afastar a pobreza. Nós Moçambicanos! E aqui no Búzi vimos vários exemplos da forma como se está a combater a pobreza!

*Moçambique hoje!*  
(*Hoye!*)

Eu quero apresentar-vos os meus companheiros que fazem parte da comitiva.

(seguem-se as apresentações)

Como eu estava dizendo, a nossa preocupação é encontrar maneiras que possam fazer com a pobreza acabe no nosso país. E desde que chegamos aqui hoje no Búzi, encontramos já algumas coisas que são feitas por cidadãos nossos na luta contra a pobreza. Dei exemplo das plantas que estão no lar, no próximo lar de estudantes. Dei exemplo da comida que está sendo transformada bruta em marmelada. Dei exemplo do carro de rodas para apoiar aqueles irmãos nossos que são portadores de deficiência. Dei exemplo daquela ambulância que serve para transportar senhoras que vão para a maternidade. Tudo isso visto hoje. Como também vimos uma bomba de água. Uma bomba que é para tirar água do poço e sem muito esforço poder regar. O que está sendo feito sem meios. Mas agora nós temos que usar estes meios. Usar estes meios para melhorar a nossa vida. É por isso que o Governo de Moçambique considera como sua tarefa central a luta contra a pobreza. E a luta contra a pobreza tem a ver com a utilização dos recursos que nós temos. O recurso mais importante que nós temos é o homem, é a mulher: a valorização do seu conhecimento, do seu trabalho! Mas há outros recursos que também temos. Temos a terra como esta que nós pisamos aqui. E nós sabemos que facilmente produz aquilo que nós quisermos para alimentar-nos. Temos a água como temos o Rio Búzi que nós todos conhecemos, que além de dar água pode dar peixe também. E também pode nos transportar de um ponto para outro. É importante nós utilizarmos estes recursos. Não basta ter os recursos. Não basta ter a bomba de água. É preciso pegar na bomba de água e irrigar. E depois plantar árvores ou plantar cereais para resolver os nossos problemas. Isto entra dentro da estratégia do Governo de Moçambique. O governo disse, para acabarmos com a pobreza em Moçambique, nós devemos trabalhar no distrito. Devemos trabalhar no distrito, porque no distrito temos muita população nossa. 80% ou 70% da nossa população vive no distrito. Para além de ter a nossa população lá temos muitos recursos. Temos água, terra, que se encontram no distrito. Então nós temos, para acabar com a pobreza, de valorizar os recursos que nós temos no distrito. É por isso que nós estamos a viajar pelos distritos. Viajamos para os distrito para vermos e compreendermos como o nosso povo está a usar os seus recursos e ... desses recursos para produzir mais emprego e para produzir mais comida. Porque se nós temos mais comida, não temos fome. Se nós temos mais emprego, ganhamos dinheiro e podemos comprar livros para nossas crianças e podemos comprar comida para nós comermos. Viemos para o distrito

para ver isto, para aprendermos a experiência que vocês estão a fazer na luta contra a pobreza. O Governo disse que o distrito é o ponto de partida. Mas não é só o distrito que é ponto de partida. É preciso que se utilize os recursos lá básicos. ... é o Conselho Consultivo. O Conselho Consultivo distrital que apoia o governo distrital. O Conselho Consultivo do Posto Administrativo que apoia o Posto Administrativo. Ou então o Fórum da Localidade que apoia a direcção da localidade. Esses cidadãos têm como tarefa trazer as preocupações das populações para os Conselhos Consultivos e depois estudarem todos juntos, como resolverem os problemas. Que problemas resolver em primeiro lugar para podermos avançar na luta contra a pobreza. Portanto, trabalhar no distrito; Conselho Consultivo Distrital a funcionar. Mas é um Conselho Consultivo distrital que deve reunir com a população. Depois de eles voltarem da reunião, quando chegam na aldeia ou numa povoação, deve reunir com as pessoas e dizer, ali na vila do Búzi nós estivemos a estudar problema tal. Pode ser problema de criminalidade. Pode ser problema de fome. Pode ser problema de escola. Pode ser problema de SIDA. Deve informar. Pessoas saberem que problemas foram tratados e que decisões foram tomadas. É preciso que o Conselho Consultivo esteja constantemente ligado com as populações. Mas o Governo fez outra coisa ainda. Colocou sete milhões nas mãos do Conselho Consultivo e disse: com este dinheiro luta contra a pobreza! E para a lutar contra a pobreza é preciso apoiar a criação de mais empregos e apoiar a criação, a produção de mais comida. Por isso estes sete milhões, no ano passado tivemos outra experiência. Não foi má. Aprendemos alguma coisa. Este ano estamos a trabalhar com base naquilo que aprendemos do passado. O Conselho Consultivo deve preocupar-se em apoiar aqueles cidadãos ou aquelas associações que querem aumentar a produção de comida. Por exemplo, podem querer ter uma junta de bois para aumentar a machamba. E aumentando a machamba, para poder cultivar melhor e sobretudo para poder schar e para poder espantar os pássaros, porque o milho está a crescer ou o arroz está a crescer, para poder colher ele vai precisar de ter mais gente para lhe apoiar. Vai dar emprego aos nossos jovens. E nós queremos que o nosso jovem a trabalhar, aqueles que idade de trabalhar. Por isso mesmo, eles devem apoiar esses cidadãos ou estas associações que querem fazer isso.

Ou então, a cidadãos ou associações que queiram fazer blocos. Agora há blocos estabilizados. Para poder fazer precisa de ter mais algumas máquinas. E essas máquinas vão fazendo com que ele tenha que empregar mais gente. E depois também vai permitir que aqueles que querem construir casas, também possam construir. E aqueles que constroem casas vão ter que arranjar mais gente para trabalhar na construção. Aqui no Búzi nós vemos casas que estão a nascer agora. É sinal de que é possível fazermos. O Conselho Consultivo quando recebe o pedido de alguém que quer fazer estas coisas que eu disse e outras coisas que aumentem comida e aumentem emprego, devem discutir para ver se aquela organização é séria. E se verem que é seria mesmo, mas também não é uma organização que tem acesso do banco, são aqueles emergentes sem apoio do banco. E se o Conselho Consultivo sabe que são pessoas sérias, como aqueles jovens que estivemos a ver que estavam a fazer aquela máquina para tirar água, eles não tem outra base; ou aqueles que estão a fazer carrinho de roda, ou aqueles que estão a fazer jam, se eles acreditam naquelas pessoas, em reunião decidem vão emprestar tanto dinheiro a empresa tal ou a associação tal. Mas esta empresa ou associação tem que devolver. Tem que devolver. Não é dado o dinheiro. Sabem porque é que o dinheiro não é dado? Por três razões:

Primeiro, dinheiro não se dá. Se desse dinheiro nós todos teríamos muito dinheiro. Em segundo lugar, esse dinheiro vem dos nossos impostos. Os moçambicanos pagam

impostos e para pagar imposto, o dinheiro tem que ser usado numa coisa que ajuda a resolver os seus problemas. Por isso mesmo, o dinheiro tem que ser devolvido.

A terceira razão, é que o dinheiro quando é entregue a alguém, esse alguém depois de fazer aquilo que ele quer fazer e ganhar dinheiro, deve devolver. Deve devolver. E esse dinheiro devolvido há-de ser entregue a outro alguém para fazer a mesma coisa. Depois de devolver, vai ser entregue ainda a um outro alguém. Isso quer dizer, que o dinheiro que ajudou o senhor A, pode ajudar também o senhor B. Pode ajudar também o senhor C. E muitos dos nossos jovens terão emprego. Porque se ficasse somente com um, poucos teriam emprego.

*Búzi hoye!*

*(Hoye!)*

*Búzi hoye!*

*(Hoye!)*

Este é fundamental. É a maneira de aumentar riqueza. É a maneira de acabar com a pobreza. É a maneira de acabar com o desemprego: pouco a pouco, mas sempre a aumentar. Por isso mesmo, o vosso Governo decidiu: para combater a pobreza, vamos para o distrito! Vamos para o distrito! E estamos a ver aqui. Já temos água – é combate a pobreza. Nossas crianças já têm lar – é combate a pobreza. Há um lugar onde vão aprender a fazer carpintaria – é combate a pobreza. Já temos a produção de álcool – é combate a pobreza. No distrito, depois temos que ter o Conselho Consultivo. E esse conselho consultivo é que deve ver como resolver o problema de emprego e aumentar a produção de comida e como recuperar o dinheiro para entregar a outra entidade. Esta é a mensagem que eu queria vos transmitir. Eu queria, entretanto, também beneficiar das vossas ideias. O país constrói-se com ideias de todos nós. Alguns têm ideias que a gente pensa que não são boas. Mas não é verdade. As ideias sempre ajudam. Estamos no mesmo país. Estamos todos no mesmo barco, e nós todos temos que estar motivados, para fazer chegar o nosso barco a bom porto, isto é para acabar com a pobreza. Vou pedir oito cidadãos. Oito cidadãos para virem para aqui, para poderem ajudar-nos as ideias. O grande pedido somente é o seguinte: não repetir aquilo que o outro disse. Se alguém disser que nós precisamos de ter barco para Beira, para ligação da Beira, os outros já não devem falar disso. Devem falar de outra coisa para nós ouvirmos mais e podermos aprendermos mais.

*Búzi hoye!*

*(Hoye!)*

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

Muito obrigado pela vossa contribuição. Nós anotamos as questões que aqui foram colocadas. De um lado nós ouvimos aquilo que é o trabalho que o Governo está a fazer e que é visto como positivo. Bândua, Bândua, aqui na sede e nos outros lugares. Do outro lado ouvimos aquilo que os cidadãos acham que falta para se fazer. Aquilo que falta para se fazer mostra que aquilo que nós escolhemos como nossa tarefa principal é correcto: combater a pobreza. E aqui nós temos anotadas as questões. Algumas das questões, os meus conselheiros estão a recolher mais dados. Por exemplo, como a situação do Búzi, a Companhia Búzi, os meus conselheiros estão a falar com os cidadãos que falaram disso para compreender melhor e para ver o que é que nós podemos fazer. Mas como eu disse, nós registamos tudo aquilo que foi dito. Eu vou dar alguns

exemplos. Aqui falou-se do apoio a pequenos empresários e associações e esse apoio é positivo, mas que é preciso que haja junta de bois para a tracção animal.

Aqui falou-se de uma carpintaria que está silenciosa. A carpintaria APIS que fazia mobiliário e outras coisas incluindo caixões. E como há silêncio, aparentemente não está a produzir, o cidadão que veio trazer o problema diz que é preocupante, porque quando a Companhia Búzi deixou de trabalhar começou dessa maneira.

Aqui falou-se de férias. E falou-se repetidamente sobre o ensino superior. Eu penso que é justo que queiramos ter certeza que há universidade para os nossos filhos. Mas para os mais novos que não conhecem eu penso que devo dar uma explicação, sobretudo para os próprios estudantes do ensino secundário ou ensino médio. Há 30 e tal anos quando proclamamos a Independência, em todo Moçambique só havia uma universidade. E esta universidade estava em Lourenço Marques, que é Maputo. Com a Independência esta universidade introduziu novos cursos, ao mesmo tempo o Estado aumentou outras universidades. Criou uma universidade para a formação de professores e também colocou uma universidade para a formação de diplomatas. Mais tarde essas universidades tiveram possibilidade de se instalarem noutros pontos do país. Por exemplo a Universidade Eduardo Mondlane está aqui na Beira. E na Beira também temos a Universidade Pedagógica e que se encontram noutros pontos do país. A maior das províncias do país tem universidade pública. Mas além disso há as universidades privadas. Por exemplo aqui na Beira existe a Universidade Católica. Existe uma Universidade chamada Piaget – começou a pouco tempo também. E em outros lugares do nosso país existem várias universidades privadas. Isto é para dizer que aqueles que querem ter mais possibilidade para ir a universidade estão correctos. Mas também para dizer que foi sempre preocupação do Governo aumentar as universidades para os nossos filhos poderem estudar nelas. E continuará a ser nossa preocupação termos mais universidades, mas também ao nível secundário primeiro ciclo ou ao nível ensino secundário segundo ciclo, termos o ensino técnico-profissional.

Aqui falou-se ainda da necessidade de tractores. Falou-se ainda da necessidade de energia, particularmente na zona de Nova Sofala. E de médicos. E também de melhor organização da disponibilização de sementes. Falou-se ainda da estrada Tica-Buzi, que tem muita poeira e falou-se que deve ser asfaltada. Falou-se ainda de SIDA, que há muita gente que morre.

Falou-se da Companhia Búzi, os trabalhadores e é essa situação que os melhores estão a trabalhar com o cidadão que apresentou para apreciar. Falou-se ainda da criminalidade e da necessidade de não haver impunidade. De Bândua falaram da necessidade de projecto de rendimento para jovens e também da necessidade de aumentarem-se efectivos da polícia. Falou-se ainda aqui na sede de que a Escola Secundária tem falta laboratório. É verdade que já se recebem classes mais avançadas, mas os laboratórios fazem falta.

Bom, aquilo que disseram está exactamente claro. Mostra claramente que a nossa agenda de lutar contra a pobreza é correcta. É a maneira de lutar contra a pobreza que nós temos que encontrar mais rápido. E mostrou também que é correcto começar a lutar contra a pobreza, lutar contra a pobreza a partir do distrito. E mostrou ainda que os 7 milhões devem ser utilizados para aumentar comida e para aumentar emprego. Por isso a nossa agenda de lutar contra a pobreza, é a agenda correcta!

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*População de ka-Buzi hoje!*

*(Hoye!)*

*Distrito de Búzi hoje!*

*(Hoye!)*

*Província de Sofala hoje!*

*(Hoye!)*

*Muito obrigado!*

*(Palmas)*

## **COMÍCIO DA VILA DE INHAMINGA, DISTRITO DE CHERINGOMA – 21 DE MAIO DE 2007**

*Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoje!*

*(Hoye!)*

*Província de Sofala hoje!*

*(Hoye!)*

*Província de Sofala hoje!*

*(Hoye!)*

*Distrito do Cheringoma hoje!*

*(Hoye!)*

*Cheringoma hoje!*

*(Hoye!)*

*Inhaminga hoje!*

*(Hoye!)*

*Inhaminga hoje!*

*(Hoye!)*

*Inhaminga hoje!*

*(Hoye!)*

*Inhaminga hoje!*

*(Hoye!)*

*Muito bom dia!*

*(Bom dia!)*

Primeiro queria dizer que estamos muito satisfeitos, muito contentes, muito alegres. Vemos a alegria que a população de Inhaminga traz consigo. Vimos desde que chegamos. Vimos essas danças de uma beleza excepcional. Ouvimos mensagens. Até vimos teatro. Vimos uma parte de teatro. Isso tudo mostrando também a alegria da população de Inhaminga. Por isso queríamos agradecer também a população que está hoje aqui em Inhaminga. Queremos agradecer ainda pelas ofertas que nos deram. As

ofertas que nos deram vão contribuir para ajudar a resolver os problemas das outras pessoas necessitadas. Por isso agradecemos as vossas ofertas. **(Palmas)**

*Inhaminga hoye!*  
(*Hoye!*)

Eu não vou falar muito. Eu trago duas mensagens. E depois de apresentar as minhas duas mensagens, eu espero ouvir mensagens vossas também. Pedirei que alguns cidadãos venham para aqui e nos ajudem a ver melhor o caminho que nós trilhamos. Porque esta marcha é uma marcha comum de todos os moçambicanos, do Rovuma ao Maputo. Uma marcha em que caminhamos para lá no fim da marcha termos certeza que em Moçambique a pobreza acabou. Por isso, como nós todos estamos nesta marcha, gostamos de ouvir e aprender da experiência uns dos outros. Mas antes de eu apresentar a minha mensagem, e também de ouvir as vossas mensagens, quero apresentar-vos a delegação que me acompanha. **(Palmas)**

(seguem-se as apresentações)

Moçambique para chegar onde está, caminhou. E como sabem, nos caminhos há coisas diferentes. Há obstáculos. Pode haver troncos a nossa frente. Pode aparecer cobra a nossa frente. Pode aparecer um leão a nossa frente. Pode haver um rio a nossa frente. Quando caminhamos, sabemos que podemos encontrar obstáculos. E quando nós vencemos um obstáculo, nós ganhamos mais força porque sabemos que somos capazes de vencer quando queremos. E Moçambique é um país que já percorreu um longo percurso. Apesar de em termos de história ser um percurso curto, mas em termos de vida dos moçambicanos, o percurso é longo. E neste percurso aprendemos algumas questões. Eu vou-me referir a algumas somente:

A primeira, é que para chegar lá onde queremos, se somos muitos, devemos estar unidos. Devemos todos nós querer a mesma coisa. Se nós estamos unidos, nós chegaremos onde nós quisermos. Esta é uma coisa fundamental. A outra coisa que nós aprendemos, é que para chegarmos lá onde nós queremos ir, tudo depende de nós! Somos nós que nos devemos levantar. Somos nós que devemos andar. Somos nós que nos cansamos. Somos nós que nos suamos, que transpiramos. Mas somos nós que decidimos avançar: com cansaço, com fome, com dificuldades. Para chegarmos lá onde queremos ir, depende de nós! Esta é outra lição que nós aprendemos: temos de estar unidos e compreendermos que depende de nós alcançar o objectivo que nós queremos. Quando nós falamos de unidade, nós estamos a falar de uma coisa fundamental, porque a unidade valoriza as várias tradições dos moçambicanos; as várias línguas dos moçambicanos; as várias danças dos moçambicanos; as várias canções dos moçambicanos. E faz com que nessa valorização e depois cada moçambicano quando vê a dança de outro moçambicano, diz “esta é minha dança também”. Esta é nossa riqueza. Este é nosso património. E então quando usamos essas coisas diferentes nós temos para alcançar o mesmo objectivo, nós vencemos mesmo que o inimigo seja forte! **(Palmas)**

Nós não podemos perder! E a história mostrou isso. A história de Moçambique mostrou isso: quando estávamos divididos, quando não nos entendíamos uns com os outros, apesar de sermos moçambicanos e não querer ser colonizados, quando estávamos divididos não conseguimos tirar o colonialismo daqui. O colonialismo estava aqui sempre. Mas quando nós nos unimos, em treze anos fomos capazes de afastar o colonialismo. Em treze anos apenas, porque estávamos unidos. A pessoa de Maputo orgulhava-se da pessoa de Cabo Delgado. A pessoa de Cabo Delgado orgulhava-se das danças de Nampula. A pessoa de Nampula gostava e orgulhava-se da

experiência de Gaza. O que estava em Gaza orgulhava-se, gostava e desenvolvia aquilo que era da província em Sofala. Assim aquilo que pertencia a cada um de nós passou a pertencer a cada um de nós. Passou a ser uma riqueza. E esse juntado toda essa riqueza com objectivo de acabar com a dominação estrangeira. Que a dominação estrangeira acabasse. ....e proclamamos a nossa Independência.

A segunda coisa como eu disse, é compreendermos que somos nós que temos que fazer as coisas. Para vencer temos que ser nós a fazer. Tal como o camponês, para produzir a comida, deve ser ele a cultivar e antes disso a desbravar a mata para poder depois ter comida. É o trabalho dele. É o trabalho dele. Tal como o estudante, o aluno, para poder passar de classe tem que estar atento nas aulas, tem que estudar as lições. Quando vai para o exame, ele consegue passar, porque acredita na sua força. Acredita na sua capacidade. Portanto, é esta questão fundamental que eu gostaria queria que fixássemos. O colonialismo saiu porque acreditamos que a unidade faz força. O colonialismo saiu porque nós acreditamos que para ele sair depende de nós. E o colonialismo saiu!

Depois da Independência, tivemos guerra. Estávamos todos pouco a vontade. Não podíamos sair de um ponto para outro: Linha férrea estragada; Para irmos pela estrada tinha que ter em coluna; ter produtos era difícil; ir para machamba era difícil. Mas os moçambicanos mais uma vez se lembraram que para acabar com aquilo que não gostamos temos que ser unidos. E para acabar aquilo que nós não gostamos temos que acreditar que é a nossa força que é capaz de fazer disso. Temos que acreditar na nossa capacidade. Em consequência disso, a guerra acabou. Assinamos o Acordo de Paz e hoje estamos em paz! Do Rovuma ao Maputo estamos em paz! **(Palmas)**

Eu sei, vieram-me dizer, mas há homens armados aqui que não respeitam as normas. Eu quero vos garantir: não hão-de chegar em nenhum lado! Não hão-de chegar em nenhum lado! **(Palmas)**

Esta paz que nós temos vai fazer 15 anos. Em todo o lado do nosso país as pessoas estão preocupadas: os pais querem mandar os filhos para as escolas; os doentes querem ir para os hospitais serem tratados; os adultos querem trabalhar. Esses nossos irmãos que estão um bocadinho fora, deviam juntar-se aos outros irmãos, procurar trabalho e ter dinheiro no fim do mês; Mandar as suas crianças para escola; As suas mulheres quando quiserem ter filhos irem ter na maternidade e eles próprios trabalharem! **(Palmas)**

.... Estão aqui essas construções, estão a dar trabalho as pessoas. Agora não é tempo de violência. Agora é tempo de paz. É tempo de trabalho. A família moçambicana chama todos os moçambicanos para se abraçarem e trabalhar juntos na construção deste país. Pode se ver aqui mesmo em Inhaminga. Inhaminga como é que estava? Estava muito mal. Mesmo agora ainda vemos alguns sinais. Como é que está hoje? A estrada já se passa por ela. A linha férrea vai chegar aqui e vai passar. Casas estão sendo construídas. Estão a se construir escolas. Tudo isso para o bem do povo. Todo o povo moçambicano que vive aqui para terem as suas crianças na escola. Para terem emprego. Para os seus doentes poderem ir ao hospital. Ganhamos. Ganhamos a paz, porque nós Moçambicanos, do Rovuma ao Maputo nos abraçamos e dissemos estamos unidos!

Porque nós Moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, abraçados, dissemos para acabar com a violência temos que ser nós moçambicanos a fazer!

E nós moçambicanos estamos a construir e a reforçar a paz!

E nós Moçambicanos estamos a utilizar a paz como uma oportunidade para combater a pobreza!

Por isso, eu gostaria de repetir: Não vale a pena estar preocupado com outras coisas. A preocupação nossa é combater a pobreza. E nós temos aqui em Inhamitanga muitos exemplos de que sabemos combater a pobreza e que a pobreza está a ser combatida com eficácia. Já temos telefone. Já temos escolas maiores. Já está a vir a linha férrea. Há muito trabalho que anda por aí. Isso é aquilo que a paz é capaz de construir. Mas sabemos que isso não chega. Queremos mais escolas. Queremos mais hospitais. Queremos melhores estradas. Queremos mais energia. Queremos que telefone chegue em todas as nossas povoações, porque exactamente isso é que vai resolver os problemas de pobreza. E é por isso que estamos aqui. É por isso que o Governo da Frelimo, o vosso Governo considera como fundamental a sua tarefa de combater a pobreza. No combate a pobreza, no combate a pobreza o Governo decidiu que a pobreza é preciso ser combatida no distrito. O que é que é a pobreza? É não ter aquilo que nós necessitamos. Aquilo que é básico para nós vivermos. Ou tendo essas coisas básicas, não termos em quantidade e qualidade suficiente. Por exemplo, a criança não ter escola. Outro exemplo: os doentes não ter hospital. Ou tem hospital, mas não poder tratar todas as doenças. Por exemplo, não ter água. Água limpa, porque a água que a gente bebe, para dar saúde tem que ser água limpa, água potável. Não é qualquer água. Então temos que criar água para todos. Hoje temos água, mas não é suficiente para toda a gente. Ainda há muita gente que bebe água que não é própria. Isso é sinal de que há pobreza.

Ser pobre o que é?

É não ter telefone ou ter a linha de telefone aqui mas essa linha não chegar para toda a gente. Ou então não ter energia. Não ter energia eléctrica. Ou então tendo energia eléctrica, não chegar a todos os moçambicanos. Isso é sinal de pobreza. Então nós estamos a combater a pobreza que é construindo aquilo que já construímos a ir aumentando para libertamos o nosso povo da pobreza. Por isso para fazermos isso temos que começar do distrito. O distrito é que é o ponto de partida. No distrito existe o nosso maravilhoso povo: Gente trabalhadora; Gente amiga da paz; Gente que gosta de fazer amizade; Gente, como eu, disse trabalhadora. No distrito também encontram-se recursos: a terra, água, florestas. Por isso mesmo, para podermos acabar com a pobreza, temos que criar condições para que esses recursos todos possam ser utilizados, beneficiando também a nossa população. É por isso que colocamos o distrito como ponto de partida. E além do distrito como ponto de partida, há o Conselho Consultivo Distrital, que é aquele conjunto de cidadãos que vive nas povoações; que trabalha nas repartições; que ensina nas escolas; que trata os doentes; que cultiva a terra; este que trabalha na produção da madeira; e que se distinguiram e mereceram a confiança dos outros cidadãos e disseram **“você vão apresentar as nossas preocupações aqui no distrito”**. Que **“você vão estudar como resolver os problemas de pobreza que nós temos: quando não temos água; quando não temos escola; quando não temos transporte; quando não temos energia. Você vão estudar como é que vamos fazer”**. É por isso que foi criado o Conselho Consultivo. E o vosso Governo, para poder dar força a este Conselho Consultivo colocou para ele sete milhões. Sete milhões de meticais. Com estes sete milhões se procuram resolver os problemas de pobreza. E foram indicadas duas questões: comida, produção de mais comida e trabalho – produção de mais emprego. Nós temos jovens aqui que não tem emprego, e que estão na idade de trabalhar. Os sete milhões são para ajudar a criar mais emprego. (Palmas)

E também são para ajudar a produzir mais comida.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

O distrito é o ponto. O Conselho Consultivo é o instrumento apoiando o administrador. Apoiando o governo distrital. E este Conselho Consultivo tem sete milhões para arranjar mais comida e mais emprego. Por isso mesmo o Conselho Consultivo, quando alguém vem e diz que gostaria de pedir apoio para poder produzir mais comida, eles devem observar bem se aquela pessoa ou aquela associação costumam trabalhar bem: se são pessoas honestas; se são pessoas respeitadas. E se acharem que são pessoas sérias devem dizer: **“para darmos dinheiro vocês mostrem-nos quantos empregos vão produzir. Quantos filhos nossos, quantos jovens nossos vão ter acesso ao emprego. Ou então qual é a comida que vocês vão produzir a mais”**. E depois se estiverem satisfeitos, o Conselho Consultivo de acreditar que aquela pessoa vai produzir mais emprego, ou mais comida, então decidem ali por escrito que vai se entregar dinheiro a associação tal e eles vão arranjar tantos novos emprego ou eles vão produzir mais comida: mapira, milho... para resolver os problemas. Mas isso só não é suficiente. É preciso ter a certeza que aquelas pessoas vão devolver o dinheiro. Dinheiro não é dado, porque não se dá dinheiro. Não se oferece dinheiro, muito menos um Governo. Não pode dar dinheiro, porque esse dinheiro vem de imposto que cada um de nós paga. Não é para dar. É para produzir. Portanto, se alguém diz que pode fazer essas coisas e vai devolver o dinheiro. E temos as datas em que ele vai devolver o dinheiro. E como vai devolver então pode-se dizer **“muito bem vamos dar este dinheiro a esta empresa ou vamos pode se dar este dinheiro a esta associação para poder dar emprego, aumentar comida e vai ser devolvido este dinheiro”**. E o dinheiro que é devolvido é entregue depois a outra associação para fazer a mesma coisa. E depois quando volta, é entregue a outra associação para fazer a mesma coisa. Assim, pouco a pouco, a nossa juventude vai tendo emprego. Assim, pouco a pouco, a produção de comida vai aumentando. E isto é o que nós queremos realizar. Combatendo o desemprego e acabando a pobreza. E juntando com isso o outro trabalho que aparece, para linha férrea, para a construção... isso tudo são maneiras de combater a pobreza.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Conselho Consultivo hoye!*

*(Hoye!)*

Quem faz parte do Conselho Consultivo aqui? Estão aqui? Podem levantar, se fazem favor! Não estão a ver? Estão aí atrás? Outros estão aqui a frente! Ali também? Aí também? Sim senhor!

*Conselho Consultivo hoye!*

*(Hoye!)*

*Conselho Consultivo hoye!*

*(Hoye!)*

Muito Obrigado! **(Palmas)**

A vossa tarefa é muito grande. A vossa tarefa é muito grande: resolver o problema da população: Inhamitanga, Inhaminga, como chama aí? Maciamboza! Que quando

reúnem devem quando voltar a povoação explicar que aquele dinheiro que nós temos, parte do dinheiro foi entregue ao senhor Jofrice, e ele vai devolver, mas ele vai arranjar emprego para dez crianças, dez jovens; Parte do dinheiro foi para a associação... qual o nome da associação?... de camponeses! E eles depois não vão devolver. Mas todo o distrito tem que saber. E se tiver dúvidas fazer perguntas aos membros do Conselho Consultivo.

Este é o nosso instrumento para combater a pobreza: Distrito-Conselho Consultivo - sete milhões – Mais comida; Mais trabalho; Pagar dinheiro; E depois pegar naquele dinheiro e entregar a outro para fazer a mesma coisa! Não vamos acabar com a pobreza num dia, mas a pobreza vai acabar em Moçambique. Porquê? Porque nós estamos unidos!

Porquê?

Porque nós acreditamos na nossa capacidade. Que quando queremos uma coisa vencemos. Quisemos uma vez acabar com o colonialismo - saiu o colonialismo! Quisemos acabar com a guerra – saiu: todos os moçambicanos estão aqui! Agora queremos acabar com a pobreza!

Chegará o dia que vamos dizer **“naqueles tempos quando havia pobreza”** – e toda a gente com telefone; com água a sair pelas torneiras; com chapa; com energia para todo mundo...

Da mesma maneira como hoje dizemos **“naqueles tempos quando havia colonialismo”** – colonialismo já não existe, já passou, mas é naquele tempo!

Como hoje também vimos e dizemos, naquele tempo quando havia guerra, mas a guerra já passou! Aparecem alguns aí mas não tem força para fazer a guerra! **(Palmas)**

Eu sei que até nem querem fazer a guerra. Quem querem viver em paz; querem ir para a povoação falar com a sua família; querem mandar o seu filho para a escola; querem tratar o seu doente; querem arranjar emprego, para poderem viver a vontade; querem construir a sua casa muito bonita aqui perto da vila; Por isso mesmo dizemos **“naqueles tempos quando havia guerra”**. Agora podemos acreditar que haverá um dia em que diremos **“naqueles tempos quando havia pobreza”**. Sabem, eu vim várias vezes aqui em Inhaminga e uma das vezes quando eu vim não havia telefone, mas hoje já há telefone. Os Inhaminguenses podem dizer: **“naqueles tempos quando não havia telefone”**. Naqueles tempos também havia aquela escola ali, era pequenina, não tinha condições. Daqui a pouco vão dizer **“naqueles tempos quando a escola era pequenina e agora já é grande”**. **(Palmas)**

Como podem dizer também: **“naqueles tempos quando não havia casas dos Caminhos de Ferro, estavam estragadas”** – mas ainda há algumas estragadas – mas já começam a ficar boas!

Já podem dizer **“naqueles tempos quando as casas não estavam bem”**

Eu garanto-vos meus irmãos. Garanto-vos meus filhos, que também havemos de dizer **“naqueles tempos, quando nós éramos pobres, mas já passamos!”**. Estaremos a pensar noutras coisas.

Inhaminga hoye!

**(Hoye!)**

Cheringoma hoye!

**(Hoye!)**

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!

**(Hoye!)**

Eu queria pedir agora para ouvir as vossas mensagens. Eu só pedia uma coisa sobre as vossas mensagens: não repetir aquilo que os outros disseram. Se alguém falou sobre a água então não vale a pena repetir sobre a água. Mas se alguém falou da água em Inhamitanga, mas não está resolvido o problema em Maciamboza, então podem dizer que também no lugar tal há esse problema. Isso vai permitir que nós possamos ouvir muitas lições e quando ouvirmos muitas mensagens com muitas lições, é mais fácil todos nós caminharmos juntos, afastando os obstáculos até chegar ao lugar onde a pobreza está, na sua estátua, e todos nós com as mãos empurrarmos para acabar com a pobreza!

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Oito cidadãos!*

*(seguem-se as intervenções dos cidadãos)*

*Inhaminga hoye!*

*(Hoye!)*

Queria primeiro dizer que as intervenções que aqui foram feitas mostram a preocupação que o cidadão daqui de Inhaminga tem na luta contra a pobreza. Nós registamos aquilo que aqui foi dito e algumas das coisas que possam não estar claras, os cidadãos que vieram aqui falar foram sendo entrevistados pelos meus conselheiros para compreender bem do que se trata e como é que está a preocupação, o problema que a pessoa apresenta. Quando nós tivermos uma resposta, essa resposta vai ser dada ao cidadão. Um cidadão que apresenta os seus problemas em comício e não só ele vai ter a sua resposta pelos canais apropriados.

O primeiro interveniente disse que estava em Chemba e estava a apresentar problemas ligados com madeira lá no distrito de Chemba. Como nós estamos aqui hoje a trabalhar com Cheringoma, achamos que os problemas que deviam ser postos deviam concentrar-se mais em Cheringoma. Assim, o documento que ele preparou foi analisado e está sendo analisado pelos meus conselheiros, porque ele também tem o direito naturalmente de falar em Moçambique. E ele vai obter resposta naturalmente. Quando digo obter resposta não quer dizer sim ou dizer não. Ele vai ter resposta.

Vimos aqui problemas de alguns companheiros que são desmobilizados. E eu gostaria de dizer que a situação nossa de pobreza é tal que nos leva a pensar que quando há guerra estamos a encher de dinheiro o país. E quando nós estamos numa situação de guerra, aquilo que nós mais queremos é a paz, porque a paz é que nos dá condições, cria condições para podermos fazer aquilo que nós queremos. A guerra não produz dinheiro. A guerra destrói. Destrói riquezas e até tira vida as pessoas. Por isso, a nossa concentração é e devia ser aproveitar a oportunidade de paz para fazer aquilo que nós queremos fazer. Mesmo assim a questão que ele apresentou está sendo analisada através dos meus conselheiros.

Depois veio uma intervenção que fala da necessidade de todos trabalharmos para removermos obstáculos ao desenvolvimento. Mas também foi dita uma coisa que pode se dar a muitas interpretações, dizendo que havendo gás em Moçambique não devíamos ser proibidos de passar por certos locais. Eu queria esclarecer o seguinte: o Governo Moçambicano entrou em contacto com empresas internacionais e através dos sistemas que eles tem e que os governos alguns deles tem, acharam que nesta zona aqui de Inhaminga poderá haver alguma coisa de interesse – o cidadão que falou, falou de gás, falou de petróleo. Portanto quando se fala de uma coisa não quer dizer que exista essa coisa. E mesmo que exista não quer dizer que está pronto para ser tirada. No dia que se descobrir que num lugar tem gás, será preciso trazer máquinas complicadas, sofisticadas. E só levar da Beira para aqui leva... é muito complicado, muito difícil. E depois devem fazer furos. E os furos são com muita profundidade, não é como água. Isso tudo tem que se fazer numa zona protegida para podermos ter certeza que os equipamentos que lá estão são utilizados como deve ser e só depois disso é que se vai saber se há gás ou não. E depois se descobrirmos que há gás, é preciso ver como é que utiliza gás. Se fosse água era fácil. A gente descobre que aqui há água, a gente tira água, vai lavar a roupa; é utilizada para cozinhar; é utilizada para beber ou para regar, é fácil. Mas para o gás já não é assim. O gás é muito complicado. Por isso devemos ter paciência, e deixarmos o Governo com as empresas que estão a trabalhar a fazerem o seu trabalho como deve ser. E o resultado daquilo que vai acontecer lá vai ser informado. E o que se vai fazer e como se vai fazer, se houver alguma coisa, também vai ser informado. Bom, isto é para dizer que a preocupação vossa sobre desenvolvimento é correcta, mas é preciso ter paciência. Não pensar que tem água porque tem poço. É preciso cavar o poço bem e ter maneira de tirar água de lá, para poder dizer que aqui é que eu tenho água.

Também foi falado de problemas de obstáculos, por exemplo, certos empresários que não pagam aos seus trabalhadores. Foi falado da falta de água que mostra que aquela água pouco que nós tínhamos já não chega para todos nós. Foi falado do bloco operatório. E foi falado da necessidade de bola e equipamento de futebol. Nós registamos tudo.

Aqui também foi indicada a situação de criminalidade e que é necessário garantir melhores condições para o posto da polícia e o fornecimento de material para machamba. Falou-se ainda da situação do aeródromo. O aeródromo está encerrado. Até quando? É a pergunta. O aeródromo está encerrado porque não tem condições técnicas. Em todo o país onde existe aeródromo, este aeródromo é controlado pela Aeronáutica Civil que vai ver se o piso está bom; para ver se a largura está boa; para ver se tem manga para mostrar o sentido o vento; e outras coisas; para ter a certeza que os aviões que aterram, aterram bem e os aviões que levantam voo, levantam bem voo também. A situação deste aeroporto aqui é que ainda não está em condições e as autoridades estão a trabalhar para ver como criar condições para o aeroporto estar bem. Por isso não pode o cidadão ir para lá de avião. Pode haver perigo que ele não sabe que exista. E para proteger as pessoas do perigo então fechou-se o aeroporto.

Aqui foi falado do trabalho do Conselho Consultivo por um membro do Conselho Consultivo. E aqui foi falado também o trabalho que está sendo desenvolvido nas aldeias pelos dirigentes, pelo Administrador, pelo Governador. E finalmente falou-se de novo do problema do médico.

Eu gostaria de vos recordar que aquilo que foi dito de facto é preocupação dos cidadãos nossos. E a preocupação de cidadãos nossos para nós é uma coisa muito importante. É por isso que definimos combater a pobreza como nossa tarefa. Nós moçambicanos para vencermos a pobreza, precisamos de duas coisas. Estar unidos do Rovuma ao

Maputo, e precisamos de outra coisa: acreditar que nós somos capazes de vencer a pobreza. O resto o Governo criou as condições com o Conselho Consultivo; com os sete milhões para mais trabalho e mais comida, e as pessoas devem devolver depois de utilizar. Por isso continuemos a batalha contra a pobreza e nós vamos vencer. Um dia diremos: “naquele tempo quando havia pobreza!”.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Cberingoma hoye!*

*(Hoye!)*

*Cberingoma hoye!*

*(Hoye!)*

*Inhaminga hoye!*

*(Hoye!)*

*Inhaminga hoye!*

*(Hoye!)*

*Muito obrigado!*

*(Palmas)*

## COMÍCIO DE NHAMATANDA – 19 DE MAIO DE 2007

(...) Afinal Nhamatanda tem muita gente. E de facto há muita gente. Muitos jovens. Muitas crianças. Muitos adultos. Muitos idosos. Todos alegres. A cantar. A dançar. Nhamatanda sabe sentir Moçambique. Por isso queria agradecer-vos. **(Palmas)**

Queria agradecer a vossa amizade. O vosso acolhimento. E também queria agradecer as ofertas que aqui nos deram. Vimos muita coisa: Animais que voam; Animais que andam com quatro pernas ou com duas pernas; cereais; bengalas...Muita coisa que nos ofereceram. Mas de facto aquilo que nos oferecem mostra o espírito de Nhamatanda, o espírito de solidariedade. O espírito de generosidade: pegam naquilo que tem e dá a outrem. Quem faz isso tem um grande, grande coração. Por isso queríamos agradecer-vos. E nós vamos fazer uma coisa, por causa da vossa solidariedade. Aquilo que é comida: como milho, uma parte, banana, uma parte... vamos oferecer. Vamos oferecer aqueles que têm necessidade. Alguns mesmo aqui em Nhamatanda. Por exemplo, estudantes que vivem num lar, talvez não tenham refeições suficientes. E aqui pode ajudar a dar pelo menos uma refeição. Um saco de milho, dois sacos de milho, podem ajudar a aliviar a fome dos nossos filhos.

Outro exemplo: crianças. Crianças que perderam os seus pais. Ou então os velhos, idosos que não tem ninguém que lhes apoie. Podemos pegar em parte dessa alimentação e dar a eles também. E mais ainda, há pessoas que têm a doença de SIDA. São nossos irmãos e podem estar fragilizados. Podem estar fracos, porque aquela doença é que faz as pessoas sentirem-se fracos. E apesar de termos os medicamentos hoje no distrito, os medicamentos para funcionar precisam de encontrar um organismo bem nutrido. Bem alimentado. Por isso vamos pegar uma parte disso e vamos também apoiar. E diremos

a todos, esta é a solidariedade de Nhamatanda.

*Nhamatanda hoye!*

*(Hoye!)*

*Nhamatanda hoye!*

*(Hoye!)*

Por isso mesmo, por isso mesmo nós gostaríamos de agradecer-vos por esta solidariedade, por esta amizade e naturalmente dizer que muita gente vai aprender deste espírito. Nós estamos aqui hoje, em Nhamatanda. Nós trazemos uma ou duas mensagens. São coisas que estão aqui dentro de nós. Que nos preocupam e queremos partilhar convosco. Vamos vos apresentar daqui a pouco. Depois disso nós vamos também ouvir-vos, porque eu acredito que há pessoas que se encontram aqui, que são moçambicanos e que tem ideias de como é que nós podemos avançar no nosso país e que podem ajudar a abrir a nossa inteligência. A abrir a nossa maneira de ver as coisas. Por isso vamos também ouvir as vossas mensagens. Mas antes da minha mensagem e antes da vossa mensagem, eu gostaria que conhecessem alguns dirigentes do nosso país. Aqueles que estão aqui a acompanhar-nos.

*Nhamatanda hoye!*

*(Hoye!)*

*(seguem-se as apresentações)*

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Eu disse que tinha uma mensagem. Mas antes de apresentar a mensagem vou informar que ontem e hoje sinto-me particularmente muito satisfeito. Ontem fomos a Beira por a primeira pedra para melhorar o saneamento da cidade. Quando chove, como todos sabem, na Beira naquela zona da Munhava, quando fica todo cheio de água. E aquilo que nós inauguramos é para facilitar, apressar a saída. Drenar as águas. A construção ainda vai levar algum tempo, mas seja como for já se está a trabalhar para que as águas não passem muito tempo. E depois hoje fomos inaugurar um centro de captação de água para Beira e Dondo. Isso vai permitir aumentar o número de pessoas que podem beber água tanto na Beira como no Dondo e vai também permitir que essa água possa ser utilizada durante 24 horas. E daqui a pouco hei-de ir a Nhauriri, onde vamos inaugurar uma barragem. A barragem vai permitir aumentar a área onde se pode cultivar com água sempre lá presente. Mas também vai contribuir para produzir-se água para melhorar o fornecimento de água aqui em Nhamatanda. **(Palmas)**

Por isso, podemos dizer que... podemos dizer que a batalha contra a pobreza está a avançar. Porque uma das coisas que mostra que somos pobre é quando nós não temos água, água boa para beber. E nós no Corredor da Beira estamos sempre cada vez a ter mais água para beber. É claro que falta muito ainda, mas pelo menos já se fez mais alguma coisa e significativa. Vai apoiar Nhamatanda, Lamego e vai para lá Dondo e Beira. As condições do nosso maravilhoso povo vão melhorar.

Neste combate contra a pobreza, neste combate contra a pobreza, o Governo decidiu que para acabarmos com a pobreza, devemos tomar o distrito como ponto de partida. Porquê? Porque no distrito estão as pessoas, a maioria do nosso povo. Setenta a oitenta por cento dos moçambicanos vive no distrito. E no distrito existem também muitos

recursos. Por exemplo água, para ir para Beira, para ir para Dondo. Ou água para abastecer esta zona aqui de Nhamatanda, está no distrito. Terra boa para produzir comida, ou para produzir açúcar, cana-de-açúcar, está no distrito. No distrito existem as pessoas e no distrito existem outros recursos. É assim que o Governo disse para nós combatermos a pobreza temos que partir do distrito. Isto quer dizer que o Governo vai dar mais atenção ao distrito.

Em segundo lugar, o Governo decidiu que no distrito tem que haver capacidade de decisão. Tem que lhes centralizar alguns poderes e também entregar-lhes alguns recursos. Mas tem que haver um corpo ajude a fazer decisão. Um corpo que apoie o Administrador. Que apoie o governo distrital. E esse corpo, foi decidido, é o Conselho Consultivo Distrital. O Conselho Consultivo Distrital é composto por pessoas que vivem nas aldeias, que estão nos postos administrativos e que vão representar-se no distrito, apresentado no Conselho as preocupações que a população tem e procurando respostas para estes problemas. As preocupações que as populações têm pode ser água. Podem ser alfaias agrícolas. Pode se escola. Pode ser hospital. Pode ser estrada. Pode ser energia. Pode ser telefone. Essas coisas todas que eu disse mais algumas, quando não existem ou quando existem em pouca quantidade, mostram que nós somos pobres. E nós para combatermos a pobreza temos que ir aumentando a disponibilidade de escolas, de hospitais, de estradas, etc. Assim o Conselho Consultivo tem essa responsabilidade de trazer para o distrito os problemas que a população tem e ao mesmo tempo de estudar no conselho como resolver estes problemas. O governo moçambicano fez outra coisa. Para ajudar a resolver os problemas entregou aos Conselhos Consultivos sete milhões de meticais. Sete milhões de meticais! Para uma pessoa é muito dinheiro. Para duas pessoas é muito dinheiro. Para três pessoas é muito dinheiro. Mas para todos nós no distrito ainda não é muito. Mas antes não havia sete milhões. Agora já há sete milhões. De novo põe um problema: sete milhões para fazer o quê? O que queremos fazer com os sete milhões. Então aquilo que nós queremos fazer com os sete milhões é arranjar mais comida e aumentar o número de empregos. A produção de comida que nós temos no distrito nem sempre chega para o distrito todo comer. Mas o trabalho do distrito é produzir comida para ele próprio comer e também produzir comida para as cidades comer. É por isso que precisamos de aumentar comida. Mas também precisamos de aumentar emprego. Temos muitos jovens, nossos filhos, que estão na idade de trabalhar e que não tem onde trabalhar. Não têm emprego. Então, com os sete milhões podem ajudar a aumentar o emprego para os nossos jovens. É por isso que o Conselho Consultivo Distrital tem uma palavra importante sobre como é que se utiliza os sete milhões. Alguém, uma associação ou um indivíduo, que sabe como é que pode arranjar mais emprego, construindo blocos, construindo casas, ou então fazendo machamba maior, se ele mostrar ao Conselho Consultivo que o projecto dele dá para aumentar emprego e dá para aumentar comida, então o Conselho Consultivo que conhece toda agente no distrito vai autorizar ou não. Cada pedido deve ser colocado ao Conselho Consultivo para o Conselho Consultivo apreciar. E o Conselho Consultivo faz uma decisão na reunião: **“Esse dinheiro deve ser entregue a tal associação. Essa associação garante que vai arranjar mais emprego e garante que vai trazer mais comida”**. Mas há uma coisa também que deve garantir. Deve garantir que vai devolver. O dinheiro não é dado, o dinheiro dos nossos impostos. Empresta-se dinheiro para produzir mais riqueza, para empregar mais jovens nossos. Mas depois deve devolver o dinheiro. Deve devolver o dinheiro para aquele dinheiro ser entregue a outra entidade que vai fazer a mesma coisa. Vai dar emprego a mais pessoa e ele também devolver, para depois ser entregue a uma outra entidade. É uma maneira de aumentar a riqueza. É uma maneira de aumentar emprego. É uma maneira de se combater a pobreza. Sei

que não é a única, mas é uma das maneiras de combater a pobreza.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

O Conselho Consultivo tem essa responsabilidade! Tem sete milhões, quando alguém pede, eles verificam se ele quer arranjar emprego para as pessoas que vivem no distrito; procuram ver se ele vai aumentar a comida e depois ver se vai devolver: quando é que vai devolver? Se nos dá essa garantia, muito bem pode ser emprestado. E depois deve se acompanhar para ver como estão sendo utilizados. Pode haver alguém... pode haver alguém que diz que quer comprar junta de bois com charrua para poder cultivar melhor. Mas em vez de fazer isso, pega no dinheiro e ir uma comprar motorizada. Pode acontecer isso. Por isso tem que haver muita vigilância. **(Palmas)**

Ou então pegar no dinheiro, ir para o bar, para a barraca, pagar rodada para as pessoas com um dinheiro que ele pensa que não é dele. É por isso temos que ser vigilantes. Cada dinheiro que sai, deve ser para produzir mais emprego e mais comida. E deve ser devolvido. Isso é fundamental, deve ser devolvido!

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Nhamatanda hoye!*

*(Hoye!)*

Mas os membros do Conselho Consultivo quando vão para a reunião, mesmo o membro do Conselho Consultivo do Posto Administrativo quando vai para a reunião e volta, deve ir reunir-se com a população e dizer o que é trataram lá na reunião. E se houve movimentação de dinheiro, também deve explicar: quanto dinheiro foi para quem. Toda a população de Nhamatanda deve saber onde é que anda o dinheiro e com quem para ajudar a recuperar o dinheiro. ...deve ter certeza de que o dinheiro aumenta a comida e que o dinheiro aumenta o emprego. A utilização do dinheiro deve ser transparente. Tem que se ver do outro lado como se faz com o vidro. O vidro não pintado. Toda a gente saber. Toda a gente saber. Este, meus irmãos, é um meio. É um dos meios que o Governo encontrou para combater a pobreza.

No ano passado, muita gente gastou o dinheiro construindo infra-estruturas. Este ano já estamos claros de como é que deve ser utilizado. O dinheiro é utilizado para comida e para aumentar emprego. Devemos portanto, trabalhar para isso. Eu já disse a minha preocupação. Ou das minhas preocupações. Agora gostaria de ter a vossa contribuição. Pediria oito cidadãos, para virem aqui poderem falar. Aconselhar-nos também. E gostaríamos que quem falasse, não repetisse aquilo que os outros já disseram, para podermos ouvir mais coisas.

*Nhamatanda hoye!*

*(Hoye!)*

*(seguem-se as intervenções dos cidadãos)*

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

Tivemos oportunidade de ouvir as mensagens. E eu agradeço muito as mensagens que aqui foram aqui transmitidas. Um são de carácter geral. São problemas que se põe para resolver o problema, a situação de pobreza de todos nós. E outros são de natureza diferente, mas são preocupações dos nossos cidadãos, que estão numa situação que acham que podia ser melhorada. Para este segundo grupo de problemas, eu tenho os meus conselheiros que estão a recolher os dados. Porque aquilo que nós ouvimos aqui são intervenções pessoais, mas é preciso para ver o que é que se pode fazer. E todos os que aqui apresentaram uma questão vão ter resposta. Mesmo que seja negativa, ele vai tomar conhecimento. O cidadão moçambicano quando tem um problema e expõe o seu problema, ele tem que ter uma resposta. Esta resposta há-de vir através dos canais apropriados. Portanto, temos problema dos 15 militares que foram aqui apresentados e temos que fazer a verificação. Aliás, esta tarde está marcada uma reunião que vou ter com a ACLLN. E nessa altura certamente que vão ser discutidos estes problemas. Mas mesmo assim há uma coisa que eu acho que seria bom dizer. Eu tenho andado por todo o país e em todos lugares onde ando eu recordo-me de ter encontros com os combatentes, que são meus colegas. E eu sinto uma diferença hoje entre a maneira como apresentavam as suas dificuldades no ano passado, no ano antepassado e a maneira como apresentam as suas dificuldades hoje. Por exemplo, a situação de pensões que foram colocadas aqui. Já há mais militares, mais combatentes que recebem pensões. Isto vai continuar até ao chegar o momento em que todos os que tem direito a receber pensões recebam. Temos consciência que ainda há alguns que não recebem. A nossa perspectiva é chegar lá onde todos os que tem direito a receber recebam. E há ainda o problema das bolsas de estudo: os filhos dos combatentes que tem um bom aproveitamento na escola, e que não podem entrar para universidade, eles têm direito a bolsa de estudo. Tem que ter bom aproveitamento. E hoje temos mais filhos de combatentes na universidade do que tínhamos antes. Mas como eu disse ainda há situações que não estão resolvidas.

Foram aqui apresentadas também outras questões gerais. ...aquilo que se tem feito de bem: em termos de estradas terciárias; em termos de chapa cem; em termos de ensino; em termos de hospital. Mas também são apresentados questões que faltam. Por exemplo, o hospital é pequeno e o grande problema da criminalidade.

Também aqui foram apresentados questões importantes como a água, para saber se realmente vai se resolver a questão de água aqui em Nhamatanda ou não. A nossa intenção é que se resolva. Temos consciência que há falta de água e estamos a trabalhar para se resolver. Nauriri é um ponto importante para isso, mas é preciso fazer a ligação. Ainda vai levar mais algum tempo. Mas a nossa preocupação está com Nhamatanda. Nhamatanda precisa de água e nós também necessitamos de ter Nhamatanda com água.

Aqui também falaram da questão de energia, que oscila que não é firme e as camas insuficientes na pediatria. Quanto a situação da madeira, também os meus conselheiros estão a ver o que é que se passa, assim como o problema do transformador. Mas como eu disse, logo que nós tivermos estudada a situação, através dos canais apropriados, vão ter resposta, mesmo que a resposta seja diferente daquela que esperam.

Falou-se aqui da escola que é pequena e falou-se também da necessidade de um banco. É verdade. Quando as pessoas têm dinheiro tem que ter um lugar para guardar o dinheiro. Nós temos estado a trabalhar com os bancos a convencê-los para trazerem delegações para os distritos e continuaremos a trabalhar com eles para ver se eles trazem também para Nhamatanda.

Falou-se de discriminação... no tratamento. Nos hospitais, o pessoal que lá se encontra, trata doentes. Doentes, a pessoa que tem doenças é que tem que ser tratada. Não tem que saber a que tribo pertence, a que tribo não pertence. A que raça pertence, a que raça não pertence.. Felizmente raramente temos ouvido pessoas a lamentarem-se ....

Falou-se também da venda de vagas na escola alegadamente por professores. Como eu disse, essas questões todas que foram colocadas nós registamos. E aquelas que são de carácter individual estamos a estudar para compreender exactamente o que é que aconteceu e o que é que se pode fazer para resolver os problemas que eventualmente existam. Agora as outras questões são questões gerais que fazem parte do nosso combate contra a pobreza. Por isso reforço a necessidade de o Conselho Consultivo Distrital funcionar e apresentar o relatório daquilo que eles fazem a população. Esse relatório vai permitir que todos saibam se se está a se discutir o problema de energia ou de água, ou se se está a discutir o problema dos sete milhões: com quem fica o dinheiro; quantas pessoas ganharam; quantos empregos novos acontecem; e quanto mais comida se produz ou se vai produzir.

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Nhamatanda hoye!*

*(Hoye!)*

*Nhamatanda hoye!*

*(Hoye!)*

Muito obrigado pela vossa atenção! **(Palmas)**

## **INAUGURAÇÃO DA BARRAGEM DE NHAURIRI, DISTRITO DE NHAMATANDA – 19 DE MAIO DE 2007**

(...) Eu penso que este não é momento de fazer discursos. Apesar de terem sido aqui feitos dois muito longos e bonitos discursos antes de mim. Somente eu queria dizer que efectivamente estamos de parabéns. Estamos de parabéns como empresa que trabalha em Moçambique, que participou na construção deste empreendimento.

Estamos de parabéns também como dois países, como aliás a presença da senhora Alta Comissária da África do Sul aqui o ilustra bem. Demonstra a profunda amizade, a profunda simpatia que existe entre os nossos dois países e também a determinação dos dois trabalharem no sentido de, ao nível de combate contra a pobreza, criar mais empregos e criar mais capacidade de produção e por consequência transformar sócio e economicamente a população e as zonas que se encontram a jusante do Rio Muda, a jusante desta área onde nós estamos. Queremos assim saudar o trabalho que foi feito e desejar sobretudo aos investidores, aos construtores e a todos aqui presentes muitas e muitas felicidades. Obrigado! **(Palmas)**

## INTERVENÇÃO NA INAUGURAÇÃO DA ESTACÃO DE CAPTAÇÃO DE ÁGUA DE MUTUA, DINGUE-DINGUE, DISTRITO DE DONDO – 19 DE MAIO DE 2007

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Povo Moçambique Unido do Rovuma ao Maputo hoye!*

*(Hoye!)*

*Água hoye!*

*(Hoye!)*

*Água hoye!*

*(Hoye!)*

Hoje não é dia de discurso. Hoje é dia de dizermos como é que nós estamos a combater a pobreza. Ontem a cidade da Beira não tinha água. Não tinha água suficiente. Não tinha água durante todo o dia. E água é uma necessidade fundamental: é utilizada para beber; é utilizada para cozinhar; é utilizada para lavar; é utilizada para muitas coisas...

Ontem, portanto, não tínhamos o suficiente. E hoje temos um pouco mais. Mais mesmo. Podemos ter água 24 horas. E há mais gente que tem acesso a essa água. É por isso que estamos em festa. Queremos saudar a cidade da Beira. Queremos saudar Dondo. Mas sobretudo, queremos saudar aqueles que fizeram com que este empreendimento aconteça: Os financiadores: que é o Governo Moçambicano – que é o nosso – mais o Banco Mundial; Que são os construtores; Que são os fiscais e que são aqueles que prepararam tudo aquilo que fez com que a obra se tornasse numa realidade.

Por isso, queremos dizer a todos – estando em festa – vamos agora tomar cuidado, tomar conta deste objecto nosso. Já começou este esforço de tomarmos conta deste objecto nosso. Quando chegamos ali tivemos a comunicação com os nossos antepassados. A cerimónia para comunicarmos aos nossos antepassados que aqui já está a água para Beira e para Dondo. Isso é muito importante porque leva-nos a estarmos junto dos nossos antepassados. Agora, nós os vivos também temos que tomar em conta para garantir que este empreendimento sirva os objectivos para que foi definido. Esta é uma forma de combater a pobreza. É uma forma de combater a pobreza. Colocar água a disposição do nosso maravilhoso povo. Por isso, vamos continuar o nosso combate contra a pobreza!

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Moçambique hoye!*

*(Hoye!)*

*Água hoye!*

*(Hoye!)*

*Água hoye!*

*(Hoye!)*

*Muito obrigado! (Palmas)*